

DOI: 10.17234/SRAZ.66.11

UDK: 821.134.3(81).09 Ribeiro, J. U.  
Preliminary communication  
Recebido a 1 de maio de 2020  
Aceite para a publicação a 18 de outubro de 2021

## Poesia, história e modernização em *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro

Tiago Marcenes Ferreira da Silva  
Instituto Federal de Brasília – IFB  
tiago.ferreira@ifb.edu.br

Este trabalho consiste na análise, do ponto de vista do realismo como figuração artística, do romance *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro, a partir da profunda relação entre literatura e história, já que o referido romance narra importantes acontecimentos da história do Brasil, desde a colonização à ditadura militar, tendo como um de seus motes principais a questão da escravidão. Nessa perspectiva, cumpre, ainda, pensá-lo como um romance histórico brasileiro, considerando-se sua organização estética e sua posição no sistema literário do país.

*Palavras-chave:* Realismo, Literatura, História, Brasil, *Viva o povo brasileiro*

Toda obra literária está inserida em uma determinada realidade histórica, o que, em maior ou menor grau, determina os elementos que darão concretude ao trabalho do escritor e à configuração de suas obras. A literatura reflete a história e se renova nela, por ela e com ela. Ressalte-se, no entanto, que, apesar disso, é imprescindível não buscar a história na literatura a partir de dados extraliterários, reduzindo o texto literário a um mero inventário de informações, datas e personagens históricos; importa, sim, perceber a presença da história na literatura, “vislumbrar a História na figuração artística” (Bastos 2012: 156).

Em *Viva o povo brasileiro*, narrativa monumental de João Ubaldo Ribeiro, publicada em 1984, nota-se o encontro dialético entre literatura e história, mais precisamente a história nacional, recriada por meio da ficção, carregada de sátira e humor, num processo crítico de revisão do passado brasileiro, do período colonial ao golpe de 1964.

Como uma narrativa que se apropria grandemente da história para construir-se como ficção, revelando como as transformações históricas ocorridas no Brasil possuíam muito mais alcance e profundidade do que os livros e manuais oficiais muitas vezes revelam, *Viva o povo brasileiro* pode ser entendido como um romance histórico, com as marcas próprias da produção de uma realidade periférica em relação ao romance histórico europeu.

*Viva o povo brasileiro*, em vinte capítulos datados de forma não linear, narra, em meio a inúmeras histórias de personagens diversos, que se interconectam

geneologicamente, a história do Brasil em quatro séculos. Para isso, o autor incorpora em seu texto elementos ficcionais que se entrelaçam a fatos da realidade, desde o período de catequização aos 21 anos de ditadura militar. Nesse intervalo de tempo, o leitor passa a revisitar a invasão holandesa, a independência, o regime escravista e sua abolição, a guerra do Paraguai, a Proclamação da República, Canudos, entre outros.

O romance apresenta uma amplitude de temas referentes à formação do Brasil. Para o desenvolvimento dessa análise, que se limita a um artigo, foi necessário um recorte que abordasse a questão histórica mediada pela estética dialogando, entre tantos temas possíveis, com a modernização inconclusa sofrida pelo país desde a sua fundação à contemporaneidade.

O romance histórico *Viva o povo brasileiro* é um livro que chama a atenção a partir do seu título pela ausência da interjeição, o que demonstra que o seu objetivo não é narrar ou engrandecer, de forma eufórica, os fatos e/ou personagens históricos, mas atingir o movimento vivo da história em sua totalidade dinâmica e contraditória na busca de uma compreensão da nação. Para isso, o autor escreve uma obra que dialoga com o sistema literário nacional se alimentando do romance histórico romântico para desconstruir o mito histórico da colonização passiva entre nativos e portugueses. João Ubaldo insere, nessa busca de uma compreensão da identidade nacional, por meio de sua escrita artística, os negros, que, no romance, passam a ter voz, demonstrando que assim como o índio, que se rebelou ao sofrer o processo de colonização, eles também reagiram contra o violento processo escravista. Note-se, por exemplo, o caboclo Capiroba, índio canibal, filho de uma índia com um negro fugido, que resistia à catequese portuguesa, diante de suas “presas” estrangeiras:

Virou-lhe as costas, resignado com a barulheira que recomeçara, levou Aquimã ao cepo. Pôs-lhe o pé na cara com firmeza, mas sem brutalidade e o sangrou pelo pescoço numa cuia de cabaceira com caldinho de limão da terra dentro, havendo preferido isso a achatar a cabeça para não estragar muito a mioleira (Ribeiro 2008: 52).

Essa luta também é perceptível entre os negros e os colonizadores. Há várias passagens no livro que desmontam o discurso da passividade e da convivência harmônica entre as três etnias que formaram o povo brasileiro. Como exemplo, podem ser citados dois fatos marcantes na narrativa: a morte do barão de Pirapuama, que fora envenenado pelos seus próprios escravos, bem como o assassinato dos brancos que mataram Vevé ao defender a filha, Dafé, de um estupro coletivo. A morte dos malfeitores foi planejada e executada pelo negro Leléio.

Certo de que os livros de história não apresentam tais contradições, o autor escreve essa obra para questionar a versão/o discurso oficial da história brasileira, dando voz, quando possível, aos oprimidos, já que a verossimilhança histórica é usada, no romance, de forma irônica, com o intuito de mostrar que no Brasil, o processo histórico contemplou devidamente a parcela popular, pois nunca a beneficiou plenamente. O curioso é que, para isso, ele faz uso desse próprio

discurso histórico oficial, acrescentando a ele elementos da ficção, tais como hipérboles, paródia e sátira. É como se João Ubaldo Ribeiro tivesse feito a história da história, dando à primeira um caráter mais autêntico e mais verossímil e questionando as verdades, irretocáveis, da segunda. Isso fica bem claro quando o leitor entra em contato com o discurso do cego Faustino:

Mas explicou o cego, a História não é só essa que está nos livros, até porque muitos dos que escrevem livros mentem mais do que os que contam histórias de Trancoso. (...) Poucos livros devem ser confiados, assim como poucas pessoas, é a mesma coisa. Além disso, continuou o cego, a História feita por papéis deixa passar tudo aquilo que não se botou no papel e só se bota no papel o que interessa. Alguém que tenha o conhecimento da escrita pega de pena e tinteiro para botar no papel o que não lhe interessa? Alguém que roubou escreve que roubou, quem matou, escreve que matou, quem deu falso testemunho confessa que foi mentiroso? Não confessa. Alguém escreve bem do inimigo? Não escreve. Então toda a história dos papéis é pelo interesse de alguém (Ribeiro 2008: 515).

Assim, na tentativa de desentranhar a história da obra literária, na busca de uma composição que dê a ver essa íntima poesia da vida, João Ubaldo Ribeiro questiona a veracidade da história oficial por meio de uma literatura que se autoquestiona. De forma latente no texto, como detentora de um discurso mais autêntico e mais vivo, capta a história em movimento ao intercruzar presente e passado, desautorizando o discurso da colonização harmônica, apresenta suas personagens em polos opostos que entram em combates bélicos e ideológicos: uma parte é representada pela elite e a outra pelo povo.

No primeiro grupo, destacam-se as personagens da elite, que alcançam as benesses do progresso às custas de falseamentos vários, de corrupção e de muita violência. Esses poucos que, além de se apropriarem, indevida e arbitrariamente, de toda a riqueza do país, tornam-se “heróis” por vias escusas, usurpando, assim, o lugar que deveria ser ocupado pelos verdadeiros heróis, construtores da nação. Como integrantes desse polo, podemos citar os personagens Perilo Ambrósio, o barão de Pirapuama, Amleto, seu filho Bonifácio Odulfo e sua descendência.

Dessa forma, percebe-se que a figura do personagem Perilo Ambrósio é crucial para se entender essa questão. De imediato, por ser considerado o herói da independência e conclamado barão de Pirapuama, sente “em paz com sua consciência, que tudo reflete seu poder” e que “toda a aura imperial se transferia para os grandes nobres da terra”, nobres como ele (RIBEIRO 2008: 217). No entanto, Perilo é uma farsa. O herói da independência, na verdade, estrategicamente distante do combate, sangrou um dos seus escravos – Inocêncio – para fingir-se ferido na guerra e cortou a língua do outro, Feliciano, para que nunca sua farsa fosse desmascarada. Sujo do sangue alheio, fingindo-se de “ferido”, transfigura-se, falsamente, em herói.

Perilo é o porta voz das contradições históricas, da opressão, da corrupção, das desigualdades em que se fundou o Brasil. É nessa figura (e nos seus descendentes) que se apresenta sórdida, maniqueísta e decadente, que se concretizará o futuro

da nação. Assim o movimento da história se dá na obra quando capta a totalidade de um Brasil que tem seu presente com profundas raízes que, presas no chão do passado, podem determinar o devir.

Após a morte de Perilo, a história o consagra Centauro da Independência e o mártir da economia. Morre Perilo, surge Amleto Ferreira, continuador da linhagem, e a tirania triunfa. Inicialmente, Amleto é guarda-livros do barão. A ascensão socioeconômica do guarda-livros a banqueiro e patriarca nativo da linhagem é pouco narrada no romance, mas é importante destacar que a incorporação progressiva da linguagem e do discurso dominantes e as estratégias de branqueamento, em contrapartida, são detalhadamente faladas pela própria personagem, em situações constituídas a partir de um nível do simbólico já esvaziado de qualquer função real, como um rescaldo da institucionalização da sociedade.

Amleto é um mestiço que faz de tudo para embranquecer sua prole, para isso se utiliza de disfarces e falsificações nos sobrenomes, quase não toma sol, nega a mãe (ex-escrava) e praticamente expulsa o filho Patrício Macário, que tinha traços de descendência negra, de casa, postura que é sintetizada na seguinte afirmação do personagem: “O Brasil jamais se tornará um país de negros, pardos e bugres, não se transformará num valhacouto de inferiores” (Ribeiro 2008: 245). Mais à frente, amaldiçoa a esposa por ela não ter seguido a receita de passar saliva em jejum todos os dias no nariz do filho Patrício Macário para ele ficar com o nariz fino dos europeus e não com o nariz chato dos negros.

A personagem Bonifácio Odulfo, poeta que vê o povo a partir de uma focalização exótica, totalmente desvinculada da realidade, revela uma completa falta de consciência nacional. Filho de Amleto Ferreira (portanto, neto de uma negra), deixa transparecer seu bovarismo que consiste em conceber-se outro do que é na realidade, fazendo o elogio constante às nações europeias.

Por outro lado, em oposição aos falsos heróis nacionais, está o povo, os vencidos. Índios, negros mestiços, nordestinos e trabalhadores lutam, da época da escravidão aos dias de hoje, para sobreviver à violenta dominação que não os reconhece como seres dotados de inteligência, de sentimento e de desejos de humanidade:

Eu sei lá, baiano, cearense, pernambucano, para mim é tudo a mesma coisa, não gosto nem de ver (...). Já ando de saco cheio dessa conversa que anda na moda na imprensa (...) e em toda parte que foi o nordestino que construiu São Paulo, que construiu isso e aquilo. Construiu porra nenhuma! Quem construiu São Paulo fomos nós, foi gente como a nossa família (...). Eu queria ver se soltarem uma porção desses paraibas quando isso aqui era um pouco de tropeiros para ver o que é que eles iam construir (Ribeiro 2008: 645).

Nesse polo da luta, destacam-se, principalmente, Feliciano, Vevé e Maria da Fé. O primeiro, como já foi abordado, teve sua língua cortada por Perilo Ambrósio por presenciar a farsa que o elevou à condição de barão. O negro sofre por ter de se adaptar às novas condições e aprende a comunicar-se de outras maneiras. Esse ato pode ser visto como a representação da tentativa de silenciar o discurso do negro no discurso da história oficial.

Vevé é uma escrava que, ainda virgem, sofre um estupro por parte do Barão. Ele, que sente prazer na dor da escrava, a espanca e após o ato a manda para fora da fazenda. Desse estupro, nasce Maria da Fé, personagem mulata, que adquire consciência histórica, ao ser adotada pelo negro Leléu, que lhe proporciona a educação necessária à construção de uma visão ideológica que acredita na mudança do curso da história de seu povo.

Essa oposição de classes, figurada por essas personagens, numa relação de dominantes *versus* dominados, figura, desde os primórdios na história do Brasil, nossa condição fundante de exploração que perdura até a atualidade. No entanto, quando João Ubaldo Ribeiro traz para os palcos da sua representação literária a personagem Patrício Macário, a narrativa ganha ao apontar para um devir que pode ser modificado por meio da conscientização humana de certa parcela população abastada. Patrício Macário é a personagem que funciona como ponte entre vencedores e vencidos. Ele, o general filho de Amleto, que combate qualquer tentativa de revolução popular, faz o caminho de volta, quando se permite conhecer e conviver com as verdadeiras motivações dos oprimidos. Patrício vai se humanizando, cada vez mais, no decorrer da narrativa. Essas foram suas palavras, ao completar cem anos, momentos antes de morrer:

Gostaria também de dizer que estava feliz, mas não estava, não por si, mas por eles. Por si só, estaria feliz, mas isso naturalmente não é possível. Não estava feliz porque fazia cem anos e o povo brasileiro ainda nem sabia de si mesmo, não sabia nada de si mesmo! Compreendiam o que era isso, não saber de si mesmo? Não, pensava que compreendiam, mas não compreendiam e ainda sofreriam muito antes de compreender (Ribeiro 2008: 661).

Diante das incongruências da formação do Brasil, vê-se que não lhe foi possível alcançar um real progresso, a ponto de se poder afirmar que não há uma verdadeira modernização no país, não exatamente pelo fato de o país ser conservador ou resistente à mudança, mas, sim, às condições sociais que emperraram o processo modernizador.

Nesse sentido, mesmo após a abolição da escravatura, quando o elemento servil deixa de figurar no país, não houve um desenvolvimento que contemplasse a todos. Ao contrário, o Brasil permaneceu um país desigual e marcado por contradições extremas, enquanto severamente dividido em classes e impossibilitado de progredir de forma generalizada. A servidão, extinta no papel, continua pulsante, ainda que de forma fantasmagórica, e o romance capta essas contradições e as ilumina em diversos momentos, conduzindo o leitor a perceber os motivos dessa modernização insuficiente e ineficaz. Desse modo, a linguagem irônica e satírica adotada na obra mostra esse país dividido entre o arcaico e o moderno, em que a promessa de avanço que não chega e a experiência do fracasso que marca nossa História.

Esse contexto é evidenciado na obra em diversos momentos, como no diálogo entre Amleto “o senhor das terras solares, iluminado pela malha clara-escuro do sol peneirado pela ramagem das árvores” e o Monsenhor:

As secas, como se chamam essas estiagens, não são tão más assim. Antes, pode-se talvez ver nelas a garantia da ordem social e da economia estabelecida. Por exemplo, somente através da penúria engendrada pelas estiagens é que o pequeno proprietário se rende à evidência de que sua atividade será sempre de minguada e insignificante produção, assim possibilitando que os grandes proprietários – os únicos que podem levar para aqueles ermos o progresso – possam comprar-lhes as terras a preços convenientemente baixos, pois do contrário seria uma inversão de recursos desmesurada. E digo-lhes porque somente o grande proprietário é que pode levar o progresso a todos esses vastos rincões (Ribeiro 2008: 242).

O que se antecede a essa conversa é ainda mais esclarecedor para que se perceba de onde surgiram as massas miseráveis e marginalizadas que foram utilizadas estrategicamente para “modernizar” o país:

Apenas não creio que esteja próximo o fim da escravatura. Crê o senhor Amleto que poderemos mesmo sobreviver sem ela, que ela será extinta? Tampouco eu acho que seu fim está próximo, não sei quando será. Mas sei que virá e, se motivos outros não houvera, virá pelo motivo mais poderoso de todos, qual seja, o de que tornara-se pouco compensador e excessivamente caro manter escravos. As despesas com eles são incalculáveis, são de fazer estremecer o mais frio financista. Melhor será pagar por obra feita do que, ingenuamente, achar que, com escravos, temo-la de graça, pois não a temos (Ribeiro 2008: 243).

O que se vê, então, é a plenitude da capacidade de uma obra literária constituir-se como elemento revelador da realidade social e do movimento da história. Como um romance histórico produzido em uma realidade de país periférico, num período em que o interesse pela representação da história assume um posicionamento diverso daquele presente na historiografia tradicional, *Viva o povo brasileiro* permite uma reinterpretação de nosso contraditório processo histórico e das fraturas que a colonização, a exploração e a escravidão deixaram na nação.

## **Bibliografia**

- Bastos, Hermenegildo (2012). Um romance histórico de Leonardo Sciascia, in: *Revista Matraca*, 19/31, pp. 156-173.
- Ribeiro, João Ubaldo (2008). *Viva o Povo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Alfabeta.

**Poetry, history and modernization in *Viva o povo brasileiro*,  
by João Ubaldo Ribeiro – an analysis of the historical  
contradictions of Brazil from its formation to the 20th century**

This work consists of the analysis, from the point of view of realism as an artistic figuration, of the novel *Viva o povo brasileiro* (1984), by João Ubaldo Ribeiro, based on the profound relationship between literature and history, since the aforementioned novel narrates important events of the history of Brazil, from colonization to military dictatorship, with slavery as one of its main motives. In this perspective, it is also necessary to think of it as a Brazilian historical novel, considering its aesthetic organization and its position in the country's literary system.

*Keywords:* Realism, Literature, History, Brazil

